

NO RASTRO DO CAFÉ CHEGARAM NOSSOS AVÓS: UMA REVISÃO DOS ESTUDOS SOBRE A IMIGRAÇÃO NA REPÚBLICA

On the Coffee Trail Our Grandparents Arrived: A Review of Studies into the Republic Immigration

Sueli de Castro Gomes

Universidade Estadual de Maringá

Departamento de Geografia

Av. Colombo, 5790 – CEP 87020-900 – Maringá – Paraná – Brasil

scgomes@uem.br

RESUMO

Este estudo analisa a mobilidade do trabalho da grande imigração que envolveu o período de 1888 a 1930, principalmente no Estado de São Paulo. A pesquisa identifica o Estado como promotor dessa mobilidade humana e o contexto que essa se inseriu: do trabalho escravo ao trabalho livre e assalariado. Houve um projeto nacional a partir de uma necessidade econômica, isto é, o ciclo do café demandava força de trabalho, então, o Estado brasileiro e a burguesia nacional recrutaram a mão de obra necessária em outros países. Buscavam-se braços adestrados, disciplinados e brancos, pois era um projeto de branqueamento da população. A grande maioria era formada por camponeses que por razões como a pobreza e escassez de terras no país de origem, migraram para a América. Assim, vieram os italianos, espanhóis, portugueses, japoneses e outras nacionalidades em menor número para o Brasil. Houve incentivo na maior parte dos países de origem para a emigração; muitas vezes até com propaganda enganosa sobre os benefícios que encontrariam no Brasil. A trajetória desses imigrantes foram cheias de dificuldades: viagem penosa, a chegada à fazenda, o árduo trabalho tanto na lavoura, como nas áreas urbanas, a adaptação da língua, bem como dos hábitos e costumes. O artigo faz uma incursão desde a área de origem desses imigrantes, sua trajetória, a viagem, a chegada à Hospedaria de Imigrantes no Brás (São Paulo), a triagem até o seu destino no campo e cidade; procurou caracterizar a presença dos imigrantes no campo e na cidade, seus problemas, suas contribuições na urbanização e na industrialização das cidades paulistas, em destaque a cidade de São Paulo. Há registros das contribuições culturais, da inserção dos migrantes por meio de associações, sindicatos, times de futebol, imprensa, hospitais, escolas.

Palavras-chave: Imigração. República. São Paulo. Trajetórias.

ABSTRACT

This study analyzes the labor mobility during the great immigration period that occurred from 1888 to 1930, mainly in São Paulo. The state was identified as the promoter of this human mobility, and it was the context in which it took place: from slavery to free and waged work. At that time, a national project was created due to an economic necessity, that is, the coffee cycle required workforce. Therefore, the Brazilian States, with the national bourgeoisie, recruited the labor force necessary in other countries. Trained arms, as well as disciplined white people were sought, considering that there was a project to whiten the population. The vast majority of these workers were peasants. They applied for the jobs for reasons such as poverty and land scarcity, in their country of origin. Consequently, they immigrated to America. Among these people it was possible to find Italians, Spaniards, Portuguese, and Japanese. Brazil received a smaller number of immigrants. In most countries of origin there was an incentive to the emigration; many times it was done with false advertising about the benefits they would find in Brazil. The trajectory of these immigrants was full of difficulties, such as: the painful journey, the arrival at the farm, the hard work both in the field and in the urban areas, the adaptation to the language, the habits and the customs in the new country. Thus, this work makes an incursion from the immigrant's area of origin, their journey, their arrival at the Hostel of Immigrants in Brás (São Paulo) to the selection of their destiny, either in the field or city. It also tried to characterize the presence of the immigrants in the rural and urban areas, their problems, and contribution to the urbanization, as well as to the industrialization in the cities of São Paulo, mainly in the capital city of São Paulo. There are records of their cultural contributions, as well as of their integration, by means of associations, unions, football clubs, newspapers, hospitals and schools.

Keywords: Immigration. Republic. São Paulo. Paths.

1 INTRODUÇÃO

Para compreender a história de São Paulo e a formação de seu povo e até mesmo do espaço nacional é importante que tratemos da grande imigração de europeus e asiáticos, atraídos, sobretudo, pela economia cafeeira. O Brasil recebeu o terceiro maior contingente de imigrantes, perdendo apenas para os Estados Unidos e Argentina. Na expectativa desses imigrantes a “América” era a terra de oportunidades ocasionando a mobilidade do trabalho. O Estado de São Paulo recebeu a partir do último quartel do século XIX uma massa de imigrantes oriundos de vários continentes e países. Esse período que se iniciou em 1880 até 1930 denominou-se de “A Grande Imigração”. A análise do processo de mobilidade do trabalho, a partir da experiência desses homens, é o propósito desse texto.

Jean Paul Gaudemarⁱ (1977) teve como foco nos seus estudos a produção e a circulação da força de trabalho; essa proposição contribui para o entendimento da grande imigração para o trabalho nas lavouras paulista.

Chegaram mais de 2,5 milhões de pessoas compondo um mosaico de 70 nacionalidadesⁱⁱ. Apesar da grande diversidade, 80% dos imigrantes estabelecidos em São Paulo, entre 1827 e 1939, vieram de apenas cinco países: Itália, Portugal, Espanha, Japão e Alemanhaⁱⁱⁱ. Os outros 20% de participação na imigração para o Estado de São Paulo são de sírios, libaneses, russos, búlgaros, judeus e outras nacionalidades. Os italianos, com mais de 500 mil pessoas, formaram o principal grupo de imigrantes que vieram para São Paulo. Vejamos os dados que MARTIN apresenta:

Entre 1887 e 1930, deveriam entrar na Província de São Paulo, nada menos que 2 milhões e 500 mil imigrantes, incluindo-se aqui cerca de 280 mil nacionais de outras províncias e 85 mil japoneses. A maioria deles, contudo, era composta por italianos. De 1887 a 1915 entraram na província cerca de 800 mil italianos, vindo a seguir em importância os espanhóis com 300 mil e os portugueses com 260 mil (MARTIN:1984,63).

Esse mosaico de cultura e de povos contribuiu na formação da população paulista e da sua territorialidade, desse modo é de fundamental importância entender os processos e historiar essa mobilidade dos imigrantes na ocupação de São Paulo.

2 DO TRABALHO ESCRAVO AO TRABALHO LIVRE: A PROMOÇÃO DO ESTADO DA MOBILIDADE HUMANA

O Brasil iniciou a base da economia com a produção e exportação do café, baseada na mão de obra escrava, no Vale do Paraíba. Havia a ampla expansão dessa economia e a grande preocupação com a questão da mão de obra e a terra. A lavoura seguiu em direção para o Oeste paulista, em que havia os melhores solos para plantio. A legislação em relação ao trabalho estava sendo alterada e seguia em direção à abolição da escravatura e outras ações e medidas que foram aparecendo para garantir os braços para a lavoura cafeeira e atender aos interesses da elite paulista. A lei de terras de 1850 foi um dos mecanismos para garantir a mão de obra disponível para o trabalho nas lavouras, pois ela regulamentava o acesso à propriedade apenas pela compra e venda. Esse mecanismo dificultava o acesso às terras e o imigrante recém-chegado se sujeitava ao trabalho assalariado, estimulado pelo sonho de reunir algum pecúlio para comprar o seu pedaço de terra. Em 1871, o Império fundou a Associação Auxiliadora de Colonização, fomentando a imigração para o Brasil. Em 1885, a Lei Imperial estabeleceu o serviço de propaganda na Europa e subsídios de passagens. Houve, também, iniciativas pioneiras de introdução de imigrantes europeus como a do Senador Vergueiro (1842), sendo referência para pensar a substituição da mão de obra escrava para a assalariada. No entanto, a política imigrantista só se consolidará após 1880.

Na implantação da política imigratista, os fazendeiros do “Novo Oeste” obtiveram apoio do governo da província e dos políticos que aprovaram a liberação de recursos para a sua concretização. Havia uma preocupação com a falta de braços e transformação da mão

de obra escrava para a livre e assalariada; assim passou-se a organizar a imigração, nesse novo projeto nacional. Em 1886, surge a Sociedade Promotora da Imigração por iniciativa de Antonio Queiroz Telles, o Conde de Parnaíba que, além de grande fazendeiro, era o presidente da província de São Paulo. Essa instituição tinha a responsabilidade de contratar e subvencionar a vinda de imigrantes, com o apoio financeiro do governo da província, bem como, realizar a propaganda oficial no exterior. Dessa maneira, o imigrante não pagava a passagem de navio e nem o transporte ferroviário até as fazendas de café. Além disso, eles podiam cultivar outras culturas entre os pés de café, pois elas não prejudicavam a produção cafeeira.

Com o propósito de trazer o imigrante como mão de obra para a lavoura cafeeira, os governos central e provincial determinaram a construção da hospedaria para alojar os imigrantes nos seus primeiros dias no país. O primeiro núcleo colonial estabelecido em São Paulo era no bairro de Santana (1877), o que originou a primeira hospedaria (1878). Depois, mudou-se para o Bom Retiro (1882) e por fim, em uma instalação com maior capacidade de alojamento transferiu-se para o Brás (1888).

Martins (1973) mostrou as mudanças das estratégias políticas e ideológicas que estavam como pano de fundo na passagem da imigração colonizadora do período do Império para a imigração de braços, no período republicano. Assim, havia um compromisso da República em dar continuidade à política imigrantista, racista e branqueadora. Vainer (2000) apontou três questões para compreender essa promoção por parte do Estado: a necessidade econômica, isto é, de braços adestrados e disciplinados; a necessidade eugênica, isto é, de diminuir a presença dos negros na sociedade brasileira e por fim, a de construir um povo nacionalmente unificado e integrado em padrões culturais homogêneos.

A promoção do governo estimulou uma diversidade de correntes imigratórias que se dirigiram para São Paulo, que não necessariamente se voltaram para as lavouras cafeeiras, como no caso dos libaneses e sírios,

que se ocuparam principalmente com o comércio^{iv}.

Na época da Grande Imigração houve um grande debate em torno do denominado “perigo amarelo”. Em um momento que havia uma política de branqueamento da população surgiram restrições ao braço asiático.^v O imigrante japonês representava o melhor trabalhador, por sua disciplina. No entanto era o mais inassimilável de todos os grupos imigratórios. Havia uma preocupação da ameaça de ‘*manchurização*’ das colônias nipônicas, argumentos geopolíticos daqueles que viam os japoneses como um perigo para a integridade territorial brasileira. O japonês era indesejável porque “*é como enxofre: insolúvel*”^{vi}. As críticas vinham principalmente da Aliança Liberal, que tinha na sua plataforma política a discussão do conceito de assimilação, para a construção da nacionalidade. Enquanto que para os paulistas defensores dessa corrente imigratória, a necessidade de braços para a lavoura, isto é, a razão econômica se sobrepunha à razão cultural e ideológica.

3 A ÁREA DE ORIGEM

A grande maioria dos imigrantes era formada por camponeses que por razões como a pobreza e escassez de terras para o sustento de suas famílias encontrou na migração uma alternativa para superar as dificuldades econômicas, e também políticas.

O Estado de São Paulo recebeu uma diversidade de nacionalidades de imigrantes. No entanto, os italianos se destacaram em número, com mais de 500 mil indivíduos. A Itália atravessava grande crise econômica expulsando essa população que vinha “*Fazer a América*” nas lavouras cafeeiras paulistas. Podemos encontrar essa história em diversos autores que se debruçaram sobre esse tema como Zuleika Alvim (1986) e Ângelo Trento (1989) entre os clássicos do assunto. Alvim registrou o problema da estrutura fundiária na Itália, a expulsão de muitos trabalhadores de suas terras e um processo de concentração fundiária levando ao êxodo e à emigração desses italianos. Percebeu-se no relatório do

Consulado Italiano^{vii} a defesa da emigração para o Brasil e em especial para a lavoura cafeeira de São Paulo. Esse documento permite a compreensão tanto da cultura da elite dirigente italiana, e a forma com que ela via a emigração e os imigrantes, como a própria sociedade brasileira daquele período. Tanto a Itália como a Alemanha passou por um processo de unificação e modernizaram a sua agricultura. Os países do Norte europeu tinham mão de obra excedente que não foi absorvida pela industrialização em curso, levando-os a emigrarem, como os suíços e belgas.

No Japão, havia um processo similar, pois a dinastia Meiji (1867-1912) trouxe um processo de modernização que estimulou a emigração. Nesse bojo, em 1908 chegava no Porto de Santos o primeiro navio japonês Kasato Maru, com 82 japoneses. Os japoneses começaram a chegar no momento em que o cultivo do café se dirigia para o Oeste Paulista e, posteriormente, seguia em direção ao Estado do Paraná.

A Espanha e Portugal, diferente dos contextos anteriores, sem um crescimento econômico significativo, mas semelhante, na escassez de terras tinham sérios problemas internos na sua estrutura agrária e também levava a expulsão de seus camponeses, com um quadro de miséria e sem perspectiva.

No entanto, o Governo Espanhol não era favorável à emigração, diferente da Itália e o Japão, e muitos espanhóis fugiram de forma ilegal do território de origem. Os agenciadores brasileiros atuaram de forma ilegal em território espanhol conforme apontam alguns estudiosos.^{viii} Portanto, a mentalidade antiemigrantista, dos políticos e intelectuais na área de origem levou à ausência de políticas emigratórias na Espanha.

A Primeira Guerra Mundial, a Fragmentação do Império Austro-húngaro e o fim do Império Otomano trouxeram novos fluxos migratórios, que vieram motivados por suas condições econômicas e políticas. Em 1917, a Revolução Russa provocou a vinda dos russos, lituanos, letões e oriundos da Estônia, que discordavam no novo regime a ser implantado. Essas mudanças no panorama

do Leste Europeu trouxeram também húngaros, poloneses e o fluxo de alemães para São Paulo.

As viagens eram longas para atravessar o oceano Atlântico. Para chegar nos portos da Europa e Japão, enfrentavam horas e dias de viagem de carroça, trens e até mesmo a pé, muitos deles viram o mar pela primeira vez. Esses imigrantes viajavam de navio durante dias^{ix}, vejamos o depoimento de um imigrante espanhol:

“Centenas de criaturas, como nós, em fila indiana, esperavam a vez de subir na lancha que nos levaria ao enorme navio que nos esperava à distância da barra. Chamava-se ‘Córdoba’. Era da marinha mercante da França. Havia pertencido aos alemães, que o perderam na guerra para os franceses. Chegou a nossa vez. À tarde o navio partia. E lá íamos nós, para a América – a engrossar os milhares de imigrantes que iriam substituir o braço escravo dos negros, há pouco ‘libertos’ no Brasil. Lançados no porão do navio, chamado terceira classe, houve a separação de homens e mulheres. Estas ficavam todas juntas em um salão e os homens em outro. Só faltavam as correntes, o demais era igual. A comida era intragável. Nos primeiros dias todos vomitavam. A diarreia era uma constante.” (DIAS, 1983:6)

O Navio tinha espaços diferenciados conforme a condição social do passageiro. A primeira classe possuía melhores instalações e era reservada às pessoas com maior poder aquisitivo, eram turistas ou negociantes. Os imigrantes normalmente viajavam na terceira classe, eram os porões dos navios, que vinham lotados, acima de sua capacidade, isso ampliava o desconforto e a insalubridade da viagem. Muitos perderam seus companheiros e filhos nessas viagens. As precárias condições sanitárias dos navios eram propícias ao aparecimento de doenças infectocontagiosas que levava ao óbito. Naquela situação, fazia-se um breve ritual religioso e os corpos eram jogados ao mar. O cinema trouxe uma parte dessa experiência quando mostrou o desastre do Titanic, um navio que trazia imigrantes para a América. Nesse processo da emigração existem muitas perdas e dilaceramentos, numa viagem que transpunha o oceano imenso. O

viajante imaginava cenários, gentes e situações recriando um mundo imaginário.^x

4 O RECRUTAMENTO

O primeiro momento dos imigrantes que chegavam de navio em Santos era seguir viagem de trem até a Hospedaria de Imigrantes, localizada no Brás, para uma triagem e a oficialização do recrutamento pelos fazendeiros, depois seguiam viagem para as fazendas. A Hospedaria de Imigrantes ocupava 10 mil m² de área construída em um terreno de 34 mil m², e era estrategicamente localizada próximo de duas ferrovias (Estrada de Ferro Central do Brasil ou também denominada de Ferrovia do Norte e Inglesa “*São Paulo Railway*”). Os imigrantes desembarcavam em uma estação de trem interna a edificação, lá se situava a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, uma espécie de agência de emprego para os imigrantes. Esse espaço era reservado para fazer a recepção, a triagem e o encaminhamento para as lavouras cafeeiras. Os fazendeiros vinham buscar seus trabalhadores nesse local para irem direto para as fazendas, esses eram transportados pela mesma ferrovia que escoava o café até o Porto de Santos para a exportação.

Em Paiva (2008), pode-se compreender detalhadamente sobre a formação da Hospedaria e sua importância na inserção dos imigrantes na economia cafeeira e na cidade de São Paulo. A Hospedaria era uma edificação feita de tijolos caiados no interior, contava com dois pavimentos com numerosas janelas, havia ainda serviços de manutenção (lavanderia, cozinha, pavilhão de desinfecção de roupas), assistência médica e odontológica, farmácia, laboratório, enfermaria, hospital, capela e correios. O imigrante podia permanecer alojado por um período de até seis dias, no máximo. Essa estrutura podia atender até 3 mil pessoas, no entanto, chegou a alojar até 8 mil, excedendo a sua capacidade. Da Hospedaria dos Imigrantes seguiam viagens para a fazenda de destino, no interior do Estado de São Paulo.

5 OS IMIGRANTES NO CAMPO

O trabalho do imigrante era familiar, eles trabalhavam de sol a sol. Os imigrantes denominados de colonos tinham a tarefa de derrubar e queimar a mata, de plantar, de escolher, beneficiar e ensacar o café para ser despachado para a exportação. O trabalho era regido pelo contrato e recebiam conforme o número de pés de café que cuidavam. Cada colono possuía uma cota mínima de pés de café para cuidar. Os homens cuidavam de mais de 2 mil pés, enquanto as mulheres e jovens um número bem inferior a essa cota^{xi}. O beneficiamento ou seleção consistia em esparramar o café nos terreiros para a secagem e se eliminavam manualmente os grãos defeituosos ou de alguma impureza.

Outros trabalhos na fazenda eram necessários como de ferradores, carreiros, cocheiros, oleiros, serradores, carapinas, feitores, etc.

O imigrante deveria ficar pelo menos um ano na propriedade, moravam em núcleos, denominados de colônias, localizados na parte interna da fazenda. Para atrair essa mão de obra, o fazendeiro permitia que esse imigrante plantasse no cafezal, geralmente, milho e feijão, o que permitia diminuir os custos com alimentação e que muitas vezes favorecia a formação de um pecúlio para esses imigrantes adquirir sua parcela de terra e ser autônomo. No entanto, muitas vezes, esses colonos viviam endividados com os armazéns do próprio fazendeiro, que os tornavam cativos desse trabalho nas fazendas. As formas de exploração desses imigrantes eram diversas e além, do contrato que os tornavam cativos, muitos trabalhadores livres eram confundidos com o regime de escravidão recebendo tratamento similar, levando-os a fugirem das fazendas para as cidades.

O cotidiano dos colonos era marcado por muito trabalho e de muita precariedade. Era difícil o acesso à cidade, mesmo com as ferrovias, o custo do deslocamento era muito alto. Esse isolamento, possibilitava os abusos de poder, há registros de espancamento, estupro e assassinatos^{xii}. Havia uma capela na própria fazenda, onde se celebravam as missas

em ocasiões especiais como a festa do santo padroeira; o padre vinha da cidade mais próxima e realizava os casamentos e batizados. Para os imigrantes de outras religiões era mais difícil, pois o catolicismo foi a religião oficial e predominante até 1889.

A maioria dos imigrantes era oriunda de países de clima temperado. Ao chegarem no Brasil, país de clima tropical, além de sofrerem com o calor, eram atacados por doenças como febre amarela, varíola, tuberculose, malária, sífilis e bicho do pé. Essas doenças manifestavam-se facilmente nos imigrantes que eram mal alimentados e viviam em precárias condições de higiene.

Havia poucos médicos e geralmente se fixavam nas cidades, tornando o atendimento na área rural caro, portanto era comum recorrer a benzedores, curandeiros ervas, remédios caseiros e parteiras. Esses costumes dos escravos e indígenas foram incorporados pelos imigrantes.

Os núcleos coloniais deram origem a muitas cidades do Estado de São Paulo, como São Caetano, estudado por José de Souza Martins (2003). O Governo Estadual estava preocupado com o povoamento do solo e a imigração levando a criar uma parte dos núcleos coloniais, bem como empresas imobiliárias formaram alguns loteamentos particulares que originaram núcleos particulares. Grandes parcelas de terras foram loteadas em pequenas propriedades e vendidas aos imigrantes, por preços módicos. Assim, realizava-se o sonho de parcela dos imigrantes em ser proprietário de terra, originando os núcleos coloniais.

Esses imigrantes produziam gêneros alimentícios tais como milho, feijão, batata, arroz, para o abastecimento das fazendas e para uma população cada vez mais crescente no Estado. Essa é a história dos espanhóis em Sorocaba (OLIVEIRA, 2002), italianos em São Carlos (MELO, 1972), Jundiá (PEREIRA, 1988) e Jarinu (WILD, 2004), japoneses em Bastos (MITA, 1999), alemães em Campinas (KARASTOJANOV, 1999) e tantos outros estudos acadêmicos encontrados em nossos registros.

Os 25 núcleos colônias que foram criados pelo Estado, geralmente, estavam localizados em áreas próximas da zona cafeeira e os fazendeiros poderiam contar com uma reserva de mão de obra na época da colheita do café. Os núcleos eram compostos de pequenas propriedades, que serviam de isca para atrair os imigrantes. O lema da época era “No Brasil não há patrões... Em sua casa comanda o colono”. Esse projeto estimulou a vinda de um maior número de imigrantes no período da Primeira República, esses viriam substituir a mão de obra escrava, tornando-se assalariados, nas grandes lavouras de café.

Eles estavam localizados em áreas impróprias para o cultivo do café, ou então em solos esgotados pelos antigos cafezais. Ainda, havia aqueles que arrendavam ou cultivavam em parceira, as terras excedentes dos latifúndios como mostra os estudos de MARTINS (1979). O fato de os núcleos estarem próximos das ferrovias fez com que em poucas décadas esses se transformassem em cidades.

6 OS IMIGRANTES NA CIDADE

A imigração estrangeira seria a maior responsável pelo crescimento de São Paulo, no final do século XIX. A cidade de São Paulo passou por um processo de rápido desenvolvimento e modernização, estimulada pelas ferrovias que a cortavam. Essas ferrovias permitiam a ligação do Porto de Santos e a regiões interioranas produtoras de café. Com esse desenvolvimento vieram outros equipamentos necessários para a economia cafeeira como estudou Paul Singer: bancos, casas de importação e exportação, comércio e diversos serviços. A cidade necessitava cada vez mais da ampliação de sua infraestrutura urbana, vieram os serviços de iluminação pública a gás, os bondes, a energia elétrica e as reformas urbanas. O crescimento populacional exigiu a presença de uma indústria de alimentos, tecidos e outros bens de consumo em geral, para o abastecimento interno.

A grande maioria dos imigrantes vinha para trabalhar nas lavouras de café, no entanto muitos fugiam das fazendas e outros fugiam

no desembarque na Hospedaria do Imigrante, e se dirigiam direto para a área urbana. Na cidade de São Paulo, os imigrantes utilizavam-se das redes sociais como suporte, procurando parentes, conterrâneos, vizinhos das aldeias. Eles se aglutinavam nas vilas operárias, nos bairros operários e nas moradias mais baratas como os cortiços. Eles se inseriram em diversas atividades urbanas como, mascates, comerciantes, prestadores de serviços e operários.

O imigrante tanto aspirava a ser proprietário rural, como também, a ser autônomo na cidade. Os imigrantes “*procuravam na cidade um meio de ascensão econômica e social*”. (ANDRADE:1991,72).

Alguns dos imigrantes vieram com algum capital para se estabelecer na cidade, eram comerciantes e se tornaram proprietários de pequenas indústrias. Vejamos a história de Francesco Matarazzo, fundador de um império com 365 empresas de diversos ramos; ele começou essa fortuna, com pouco capital, negociando banha de porco. Rodolfo Crespi, de agente de tecidos de uma indústria italiana, tornou-se o dono de cotonifício, os Ramenzoni produziam Chapéus, os Scarpa fabricavam tecidos, ambos começaram como operários. Outro império foi da família Jafet, de origem libanesa, inseridos no ramo de tecelagens. Essas indústrias modificaram a paisagem urbana de São Paulo, constituindo bairros como Mooca, Brás, Ipiranga, Vila Prudente, Lapa e Barra Funda, caracterizados como bairros industriais e de moradia operária.

A grande maioria desses imigrantes que permaneceram na cidade se insere como operários nas indústrias. Esses imigrantes passam a ser consumidores dos produtos fabricados, o que levou ao crescimento industrial e a urbanização.

A paisagem urbana paulista era transformada à medida que a economia cafeeira crescia, somada à intensificação da entrada dos imigrantes. Eles introduziram novas técnicas de construção civil. Vieram engenheiros, arquitetos, mestres de obra, marceneiros e carpinteiros, pedreiros e pintores europeus. Aos poucos as estruturas

metálicas e o tijolo substituem a velha taipa, modificando a paisagem urbana.

FREITAS (2006) e PASCAL (2005) apontam a presença dos portugueses como marceneiros, carpinteiros, pedreiros, pintores ornamentais e de anúncios, construtores de carruagens, de selas para cavalos, de lampiões, ourives, joalheiros e litógrafos.

Havia bairros denominados italianos ou bairros operários como o Brás, Pari, Bexiga, Lapa, Barra Funda, Mooca. Encontramos nessas áreas de aglutinação de imigrantes, também a figura do espanhol. Existem outras áreas que foram ocupadas, posteriormente, pelos japoneses como o bairro da Liberdade. O distrito do Brás apresentava os maiores índices de crescimento populacional. Os italianos, na maioria, se instalavam muitas vezes em condições insalubres, nesses bairros industriais.

ANDRADE (1991) aponta a Hospedaria do Imigrante como um polo aglutinador de migrantes, que se estabelecem aos seus arredores. Os imigrantes buscavam morar próximo da indústria nascente na cidade.

A quantidade de imigrantes na cidade preocupava a elite. O preconceito e a discriminação se agravaram com o surto de cólera que se alastrou entre os imigrantes recém-chegados, cogitando-se a remoção da hospedaria de uma área nobre como Campos Elíseos para o Brás, localizado em uma área periférica. Assim, os imigrantes eram segregados e precisavam constituir seus espaços de lazer, comércio e trabalho. Para MARTIN (1984), a condição de migrante levava esses grupos a constituírem verdadeiros “guetos” onde encurralados culturalmente tinham dificuldade de entender o seu bairro fazendo parte da totalidade da cidade e de sua classe no seu país. Daí não haver lutas urbanas; as lutas sindicais se encerravam nas questões monoclássistas, enquanto a “consciência urbana” era pluriclássistas. Os italianos traziam o Movimento Anarquista e disseminavam as suas ideias no movimento operário e pelas ruas do Brás.

Esses processos de segregação sócios espaciais não ocorreram apenas na cidade de

São Paulo, mas em outros núcleos urbanos do Estado de São Paulo como Ribeirão Preto. O núcleo Antônio Prado, formado principalmente por imigrantes italianos, deu origem aos territórios de pobreza da zona Norte de Ribeirão Preto.^{xiii} Foi idealizado para ser “viveiro de mão-de-obra” para as lavouras do café, no último quartel do século XIX, bem como, possibilitar a produção de gêneros alimentícios. Acabou sendo uma área de ocupação de fábricas, hospitais e agentes de contaminação como os animais, além de residir os imigrantes e operários. A segregação espacial foi visível diante do isolamento causado pelo difícil acesso e a precariedade dos equipamentos urbanos. Esse projeto se originou a partir de uma concepção higienista de saneamento e embelezamento da cidade. Esse projeto urbano transformou-se ao longo do século XX, uma cidade dentro de outra, embora integrada geograficamente em Ribeirão Preto, permaneceu no seu isolamento social. Assim, os estudos mais recentes começaram a aprofundar sobre a contribuição dos imigrantes na configuração dos núcleos urbanos do interior paulista.

7 AS ASSOCIAÇÕES, A IMPRENSA, AS ESCOLAS, OS HOSPITAIS...

Os imigrantes trataram de se reunir em associações ou se organizar nos sindicatos. OLIVEIRA (2002) e CANOVAS (2007) identificam a saga dos pioneiros espanhóis e seus líderes, há registros de imigrantes espanhóis nos esportes e na política. Esses imigrantes trouxeram as concepções comunistas e anarquistas da Europa.

A propaganda libertária apareceu em diversos movimentos operários, trazidos por seus militantes, em geral líderes imigrantes. Entre o episódio mais significativo foi a greve de 1917, que paralisou as fábricas de São Paulo e se constituiu um marco do movimento operário no país.

Além dos movimentos sindicais, apareciam as associações étnicas ou melhor, regionais, representando o imigrante por sua área de origem, eram associações de espanhóis, italianos, portugueses, japoneses.

Muitas vezes essas associações não conseguiam reunir seus integrantes pelo país de origem, mas pela região de origem, pois havia nesse momento uma identidade cultural e até uma revanche e disputa dentro das comunidades italianas e espanholas. Esses imigrantes vinham de países que estavam recentemente unificados e que tinham em seus territórios uma diversidade cultural e disputas políticas internas, e carregavam essas diferenças para o Brasil, explicitadas nas entidades associativas.

Essas entidades eram criadas para acolher e representar os imigrantes frente às autoridades e reivindicar direitos. Eram na maior parte das vezes denominadas de Comunidade de Socorros Mútuos. O caráter beneficente era ressaltado em muitas dessas ações, como: conseguir passagens de retorno para viúvas, criação de hospitais e centros de atendimento, ou então, abrigar um espaço de encontros, festas para permitir a manutenção da cultura, identidade e viabilizar a discussão política, sobre as questões do território brasileiro como também da área de origem desses imigrantes.

Muitos dos hospitais que foram criados por essas entidades permanecem até os dias atuais, como o Hospital da Beneficência Portuguesa, o Hospital Sírio Libanês ou Hospital Nipo-brasileiro. A comunidade espanhola não obteve o mesmo sucesso na construção de seu hospital, mesmo chegando a adquirir um terreno para a sua construção.

As escolas foram outra manifestação da comunidade de imigrantes na cidade. Por meio da educação e das escolas, esses poderiam manter alguns elementos de sua cultura como o caso do ensino de sua língua nativa para seus filhos, bem como garantir o estudo para a sua comunidade, o que era muito difícil e caro naquelas décadas. Algumas escolas permaneceram até hoje como a Escola Miguel de Cervantes, criada pela comunidade espanhola ou a Escola Dante Alighieri, criada pela comunidade italiana, entre outras.

Na área do esporte, outras formas de organização dos imigrantes surgiram na cidade, em especial os clubes de futebol. ARAÚJO (2000) estudou a importância da

imigração italiana para a cidade de São Paulo e a contribuição desse grupo no futebol paulista, em especial na formação do time Palestra Itália, atual Palmeiras. A partir da trajetória do time Palestra Itália fez-se a análise, relacionando a associação com a sociedade paulistana da primeira metade do século XX. As diferenças regionais foram fundamentais para o grupo “italiano”, pois estas estavam presentes em seu cotidiano, manifestando-se, tanto na forma de relacionamento com a sociedade, quanto na imagem do grupo da sociedade paulista. Assim, também encontramos a história de outros times na cidade como a Portuguesa de Desportos ou então, a Sociedade Clube Corinthians Paulista.

As comunidades de imigrantes procuravam se manifestar por uma imprensa própria. Os jornais das comunidades de imigrantes eram os mais diversos, escritos na língua de origem, traziam notícias tanto do território brasileiro, como do envolvimento e fatos acerca dos imigrantes, além das notícias do país de origem. O mais conhecido da comunidade italiana era o *Fanfulla*.

No campo político, a elite republicana vedou de várias formas, sobretudo, simbólica, o acesso dos imigrantes à esfera de poder. Apesar disso, as pesquisas apontam a inserção, principalmente dos descendentes, que foram se aproximando da esfera política. Os italianos foram os pioneiros, e mais tarde, os japoneses. Houve uma variação para cada grupo de imigrantes e em diferentes regiões do Estado. Iniciando-se na escala municipal até chegar na esfera federal.

Os imigrantes intensificaram a vida cultural das cidades pelos espetáculos teatrais, circenses, musicais, jornais e livros. Trouxeram, também, novos hábitos, enriqueceram a culinária, enfim, eles colaboram na formação da identidade paulista. Não podemos deixar de lembrar que a imigração, também, trouxe o seu traço dos elementos religiosos da área de origem, como os santos padroeiros e as festas das comunidades. Por muito tempo, os estudiosos da cultura se preocuparam com a questão da assimilação cultural e a integração da comunidade. Na década de 50 inicia-se uma

crítica a esse conceito e hoje os estudos discutem o conceito de hibridismo, isto é, a possibilidade de formar uma terceira cultura, a partir do encontro das duas culturas: nativa com a cultura do imigrante.

8 A HISTORIOGRAFIA E OS ESTUDOS DE MOBILIDADE

Na historiografia da imigração para São Paulo, os estudos da imigração abordaram vários eixos como a questão da mobilidade social, estudos que ressaltam a integração e o pluralismo cultural.

Em LOWRIE (1938), observamos um estudo com a preocupação mais quantitativa quando ele analisa a imigração e os impactos do crescimento da população no Estado de São Paulo, em 1938. Para estudar os efeitos da imigração sobre a população, o autor identificou o coeficiente de natalidade dos brasileiros e dos imigrantes, estuda também os dados de casamentos e nascimentos em relação à nacionalidade. Depois, analisou os dados de ascendência de grupos específicos.

Essa substituição da população modificou os padrões de vida. Por fim, o livro discute a relação da industrialização, urbanização e substituição da população no Estado de São Paulo.

Essa publicação é recheada de tabelas e gráficos diversos; parecendo um estudo demográfico, em que a análise quantitativa tem maior importância. Esse estudo sociológico da década de 30, do século XX, serve de documento para mostrar como a sociologia tratava a questão migratória naquele momento.

Na produção acadêmica, a partir dos anos 50, podem-se obter pesquisas que enfocam as histórias de vida, assim como, estudos que partem para uma história quantitativa. Em uma perspectiva marxista, as imigrações são tratadas como relações de produção, sobrepondo-se aos estudos clássicos de imigração. No campo da imigração em São Paulo destaca-se José de Souza Martins, um discípulo de Florestan Fernandes, que tomou a questão imigratória como tema central de suas investigações, no caso integrada a

problemática da natureza das relações de produção pós-escravistas com as amplas questões abertas pela imigração.

Os estudos das últimas décadas apontam novas preocupações, além do enfoque econômico, trazendo preocupações com a questão do gênero ou a questão cultural, do simbólico e das representações. Alguns estudiosos aprofundam os estudos da imigração valorizando a figura da mulher e a sua importância como OLIVEIRA (2002) que aborda a luta e o trabalho das mulheres espanholas, bem como a cultura e o lazer dessa comunidade, ou então, PASCAL (2005) que mostra a importância da mulher portuguesa em São Paulo, FREIDENSON e BECKER (2004) mostram a redefinição do papel da mulher judaica.

Encontram-se nas recentes publicações^{xiv} estudos de famílias em diferentes gerações na busca de suas origens e recuperando a árvore genealógica. Na saga das histórias das famílias e histórias individuais, recupera-se a forma de ocupação do Estado de São Paulo. Boris Fausto faz uma incursão sobre a história da própria família, que como outras migraram para o Brasil durante as primeiras décadas do século em busca de possibilidades de vida menos premidas pelas agruras econômicas ou por pressões político religiosas. Esses registros memorialistas, denominado também de micro-história é recorrente nas recentes pesquisas sobre imigração. Para isso, os pesquisadores se utilizam além da memória como fonte principal, das correspondências e também de uma bibliografia de referência. Outros pesquisadores usam como metodologia a história oral para recuperar o período da imigração.

Outra tendência nos estudos da Grande Imigração é o desenvolvimento da pesquisa na história local, abordando essa temática na formação e consolidação dos municípios e suas áreas urbanas, atualmente encontra-se estudos de diversos municípios do interior do Estado de São Paulo, estudos vinculados a teses acadêmicas ou então, publicações estimuladas pelas Prefeituras ou publicações independentes do meio acadêmico.

A literatura é uma fonte rica para os estudos da imigração. Sobre os imigrantes italianos encontramos autores como Juó Bananére, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e, ainda, Antônio de Alcântara Machado.^{xv} A pesquisadora Célia Sakurai (1993) utiliza-se da literatura como fonte de estudos sobre a imigração japonesa e CANOVAS (2007) sobre a imigração espanhola. Atualmente, há pesquisadores que mergulham no campo das representações e do imaginário para compreender os liames da Grande Imigração, um campo de estudo pouco explorado.

No *Atlas da imigração internacional em São Paulo* (BASSANEZI et alii, 2008), encontramos dados desses imigrantes traduzidos nas representações cartográficas, indicando a importância dos imigrantes em território paulista. Essa ferramenta de trabalho atende as necessidades de pesquisadores de diferentes áreas como historiadores, demógrafos, sociólogos, antropólogos, economistas. Esse mapeamento foi traçado desde o fim da escravidão de 1850. A distribuição espacial desses imigrantes define uma mudança demográfica, o que significa, também, mudança social, cultural e política. Além das representações cartográficas em mapas e gráficos foi acrescido de boxes documentais e imagens fotográficas, bem como os textos informativos.

Assim, compreendemos que os estudos vinculados à temática da Grande Imigração não se esgotam, pois há ainda muitas lacunas que podem e devem ser preenchidas no entendimento da formação da população do Estado de São Paulo, em seus vários campos de estudo como a demografia, a geografia, a sociologia, a antropologia, a psicologia e a história.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período da Grande Imigração se encerrou quando o imigrante estrangeiro passou a representar uma ameaça ao Estado, pois esses traziam consigo novas concepções de organização social, entre elas o socialismo e o anarquismo. A elite paulista se vê ameaçada

e há um retorno das preocupações com a relação à identidade nacional. O Estado passou a promover a migração interna e deixou de estimular a imigração da Europa e Ásia. Em 1927, terminam os subsídios governamentais para a entrada de imigrantes estrangeiros, encerrando definitivamente essa política. Depois, Getúlio Vargas limitou, com a Lei de Cotas, a presença dos trabalhadores estrangeiros na indústria e nos sindicatos desestimulando a continuidade do fluxo imigratório de europeus e asiáticos.

Os problemas e dificuldades enfrentados pelos imigrantes foram diversos e de toda ordem: a desintegração da família, doenças tropicais, preconceito, precariedade nas suas condições de moradia e de trabalho.

Simultaneamente, identificamos a contribuição desse fluxo migratório na configuração do Estado de São Paulo. Nas cidades, eles ativaram o comércio, fundaram os bancos, introduziram novos estilos arquitetônicos, técnicas e materiais. Os imigrantes, também, estiveram presentes na vida cultural produzindo jornais, espetáculos e diversos ramos da arte, como a literatura, artes plásticas e na música. Eles organizaram associações, sindicatos, times de futebol. Trouxeram sua culinária, suas festas e ritos religiosos. Essas contribuições abrem um leque de possibilidades na pesquisa e nos diferentes olhares da ciência.

No entanto, não podemos deixar de ter como pano de fundo os processos socioeconômicos que desencadearam essa mobilidade intensa de pessoas que se deslocaram de um continente para outro em busca de sua manutenção, carregando nas malas sonhos e expectativas. Identificamos, um dos agentes dessa mobilidade à presença do Estado no controle do processo imigratório. Ele substituiu as iniciativas individuais e trouxe uma política imigrantista que viabilizou o processo de modernização, isto é, a manutenção da lavoura cafeeira paulista e o crescimento vertiginoso das cidades paulistas. Assim, essa importação de mão de obra, que mobilizou esse contingente de trabalhadores, foi desencadeada pelo desenvolvimento da economia do café, trazendo transformações

sociais, espaciais e culturais no território paulista.

NOTAS

ⁱ O processo capitalista é viabilizado à medida que ocorre o deslocamento espacial desses homens. Nessa lógica, que busca cada vez mais a produção de valor, o capital serve-se dos corpos dos trabalhadores para a sua reprodução. Essa leitura de Gaudemar tem como referência autores como Marx e Foucault.

ⁱⁱ Segundo o Boletim do Departamento Estadual do Trabalho. São Paulo. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio e Obras Públicas, ano 17, n. 69, 4º trimestre, 1929, entraram no Estado de São Paulo, de 1886 até 1915: 2.803.672 imigrantes.

ⁱⁱⁱ Um dos fluxos de alemães no Estado de São Paulo ocorreu entre os anos 1920 e 1930. Fonte: Boletim de Diretoria de Terras e Colonização e Imigração, 1937.

^{iv} BORIS FAUSTO (1997) e TRUZZI (1992).

^v NOGUEIRA (1984),

^{vi} VIANNA (1934) apud VAINER (2000). VIANNA, Oliveira. Raça e Assimilação. São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1934.

^{vii} O relatório de Umberto Sala, enviado ao Ministério das Relações Exteriores sobre a situação dos imigrantes italianos no Brasil em 1925 foi publicado. Sala produziu esse documento após um período de três anos no Brasil, como funcionário do Consulado italiano, em que assumia desde atividades burocráticas internas até visitas, como representante do governo italiano, às comunidades italianas nas fazendas e cidades do interior. O relatório revela detalhes sobre a vida dos italianos e descendentes que viviam no Estado de São Paulo, sobre seu cotidiano nas fazendas, nas cidades, nas fábricas e tudo que se refere a sua presença no contexto nacional.

^{viii} GALLEGOS (1989), KLEIN (1994), SOUZA (2006), CANOVAS (2007).

^{ix} Do porto da Europa até o porto de Santos eram de 15 a 20 dias. Do porto do Japão até Santos, levava muito mais de um mês em alto mar.

^x Veja MARTINS (2003)

^{xi} MARIANO (2004) e MARTINS (1973)

^{xii} Nos estudos de TRUZZI e MONSMA encontram-se casos de conflitos também com feitores, autoridades policiais e mesmo por motivos de dívida, mulheres e por motivo de trabalho, com uma clivagem étnica. Eles pesquisaram a colônia italiana em São Carlos, a partir dos processos criminais e inquéritos policiais.

^{xiii} Ver MANHAS (2008)

^{xiv} ARFELLI (2002)

^{xv} CARELLI (1985)

REFERÊNCIAS:

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente! A imigração italiana em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- ANDRADE, Margarida Maria de. **Bairros Além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento em Geografia da FFLCH –USP. São Paulo, 1991.
- ARFELLI, Amauri Chaves. **Fare l’America: o sonho de uma família forlinese**. Itu: Ed. Jotageême, 2002.
- BASSANEZI, M. S.; SCOTT, A. S.; BACELLAR, Carlos de A. P.; TRUZZI, O. **Atlas da imigração internacional em São Paulo**. São Paulo: UNESP, 2008.
- BIONDI, Luigi. Sociedades Italianas de Socorro Mútuo e Política em São Paulo entre o século XIX e o século XX. **Revista Travessia**, São Paulo: CEM, n 34. 1999.
- CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **Imigrantes espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922**. 2007. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CARELLI, Mário. **Carcamanos & Comendadores**. São Paulo: Ática, 1985.
- COSTA, Pe. Gelmiro. **Do Centro dos Italianos ao Centro dos Migrantes na cidade de São Paulo**. São Paulo: Cem, n 52, 2005.
- DIAS, Eduardo.. **Um imigrante e a Revolução: memórias de um militante operário(1934-1951)**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FAUSTO, Boris. **Negócios e ócios: histórias da imigração**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FREIDENSON, Marília e BECKER, Gaby. **Passagem para a América: relatos da imigração judaica em São Paulo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2004.
- FREITAS, Sônia Maria. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- GALLEGO, Avelina Martinez. O imigrante Espanhol em São Paulo e o voto. **Revista Travessia**, São Paulo: CEM, n 5, 1989.
- GAUDEMAR, Jean Paul de. **A mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977. 404 p.
- KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto. **Vir, Viver e Talvez Morrer em Campinas**. Campinas: UNICAMP, 1999.
- KLEIN, Herbert S. **A Imigração Espanhola no Brasil**. São Paulo: FAPESP. 1994.
- LOWRIE, Samuel Harman. **Imigração e crescimento da população no Estado de São Paulo**. São Paulo: Ed. da Escola Livre de Sociologia e Política, 1938.
- MANHAS, Adriana C. B. da S. e TRUZZI, Oswaldo M. S. O Núcleo Colonial Antônio Prado e as Origens da Segregação Urbana de Ribeirão Preto. **Revista Travessia**, n 62, set-dez. São Paulo: CEM, 2008.
- MARIANO, Neusa de Fátima. Do colonato ao assalariamento. **Revista Travessia**, São Paulo: CEM, n 49, 2004.
- MARTIN, André Roberto. **O Bairro do Brás e a Deterioração Urbana**. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - FFLCH da USP. São Paulo, 1984.
- MARTINS, José de Souza. **A Imigração e a Crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- _____. **O Cativo da Terra**. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.
- _____. **O imaginário na Imigração Italiana**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-memória de S.C.S., 2003.
- MELO, Vilmo Guimarães. **A Imigração Italiana e a transformação da estrutura econômico social do Município de São Carlos**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1972
- MITA, Chiyoko. **Bastos: uma comunidade étnica japonesa no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 1999.

- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Migração Japonesa: a história contemporânea do Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiro, 1984.
- OLIVEIRA, Sérgio Coelho. **Os Espanhóis**. Sorocaba: TCM, 2002.
- PAIVA, Odair da Cruz e MOURA, Soraya. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- PASCAL, M. Ap. Macedo. **Portugueses em São Paulo: a face feminina da imigração**. São Paulo: Arte, 2005.
- PEREIRA, Eduardo e FILLIPINI, Elizabeth. **Cem anos de imigração italiana em Jundiaí**. Jundiaí: Estúdio RO, 1988.
- SALA, Umberto. **A Emigração Italiana no Brasil (1925)**. Maringá: ADUEM, 2005.
- SAKURAI, Célia. **Romanceiro da Imigração Japonesa**. São Paulo: Ed. Sumaré, 1993.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. São Paulo: Editora Nacional, 1974.
- SOUZA, Ismara Isepe. **Espanhóis: História e Engajamento**. São Paulo: Editora Nacional, 2006.
- VAINER, Carlos B. Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. **Revista Travessia**, São Paulo: CEM, n 36, 2000.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano de Cultura, 1989.

Data de submissão: 04.12.2011

Data de aceite: 25.04.2012

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.